

Quase tudo FHC como dantes

O discurso de posse do presidente Fernando Henrique Cardoso ontem no Congresso apresentou muito poucas diferenças de conteúdo em relação àquele que fez na mesma data e no mesmo local quatro anos atrás. Já as cerimônias, tanto no Parlamento quanto no Palácio do Planalto, foram apenas corretas e nada entusiasmantes como as glamourosas festividades de 1995.

Poucos deputados e senadores, convidados quase nenhum e, mesmo o ineditismo tão esperado da cena da colocação da faixa presidencial sem que houvesse antecessor para transmitir o cargo, não chegou a despertar maiores emoções nem pelo fato de marcar a primeira posse resultante de uma reeleição da história brasileira.

A fala do presidente acompanhou esse clima de anticlímax, sem anúncios grandiloquentes nem novidades de impacto. O que mudaram foram algumas inflexões que o governo pretende imprimir, mas que também já vinham sendo discutidas de público.

A mais importante delas, a intenção explicitada pelo presidente de "radicalizar a democracia" no país. Há quatro anos, ele deu grande ênfase à conquista da democracia e agora deu destaque à idéia de aprofundá-la reafirmando o projeto de ampliar a "parceria" com todos os setores da sociedade. Não se esqueceu de notar que, a despeito da necessidade de dialogar com trabalhadores, associações, sindicatos, movimentos sociais, organizações não governamentais, igrejas (exato, não falou de Igreja Católica, mas de "igrejas"), é ainda fundamental o apoio da maioria parlamentar.

Mas, pelo discurso, Fernando Henrique deixou claro que o Congresso é um interlocutor importante, notadamente por sua participação na construção de um projeto nacional discutindo e votando as reformas (previdenciária, judiciária, política e tributária), mas não é o único. Aconselhou, inclusive, os partidos a também mudarem sua maneira de agir e de se relacionar com o país. "Eles não podem mais ser expressão do Estado, mas sim da sociedade", disse.

Desta vez também falou em "democracia do mercado", que conduz a economia mas não pode determinar sozinho o destino dos cidadãos. Daí ser fundamental a permanência do Estado em vários setores da vida nacional. Fernando Henrique, ao contrário do discurso feito há quatro anos, tratou da estabilidade não como objetivo principal a ser perseguido pelo governo. Falou dela no trecho em que fez um rápido balanço de seus primeiros anos, mas ressaltou a existência de novas necessidades, resultantes do fato de o Brasil ter, por causa do fim de um longo período de anormalidade econômica, passado a ser personagem internacional.

No discurso de posse, nada de extraordinário foi prometido, constatado nem anunciado por FH

"Hoje o Brasil é muito mais relevante para o mundo, mas em compensação a situação do mundo passa a ser muito mais relevante para o bem estar dos brasileiros." Nesse trecho, Fernando Henrique tratou do combate ao déficit público com uma ênfase ausente no discurso anterior. Deu ao tema importância maior que ao combate à inflação, palavra que citou, no máximo, duas vezes, se tanto.

Apesar da administração delicada que está enfrentando com a reação do militares à criação do Ministério da Defesa, o presidente não dedicou a eles uma única palavra de seu pronunciamento. Em 1995, sem falar na intenção de criar o novo ministério, dedicou ao militares dois longos trechos do discurso, defendendo o fortalecimento das Forças Armadas.

Desta vez também, como da outra, reservou espaço para apontar as desigualdades sociais do Brasil, falou longamente de emprego – tema ausente na primeira posse – e voltou ao tema dos privilégios. A diferença é que, antes, falava em fazer justiça à maioria dos brasileiros e que estaria ao lado desta maioria para acabar com as benesses da minoria.

Agora, talvez porque tenha concluído que a maioria nem sempre percebe que paga as contas de poucos e que também resiste à extinção de determinados benefícios, foi mais explícito: "Temos de lutar contra os que se escoram nos mais pobres para defender seus privilégios".

Lá atrás, o presidente que assumia o Brasil a bordo de grande unanimidade num período de euforia resultante da queda da inflação, falava em crescimento perene, dizia que não havia um só especialista internacional que não fizesse a mesma previsão e definia a economia brasileira como "uma planta sadia depois de longa estiagem".

Ontem, a abordagem não foi tão otimista quanto à situação vigente, embora tenha dito que se recusa ao papel de mero "gerente da crise". Quer vencê-la.

Como se vê, nada de extraordinário foi prometido, constatado nem anunciado. Fernando Henrique fez quase que apenas um balancete do passado, presente e futuro, encerrando com o conselho dado a ele pelo amigo Sérgio Motta em seu último bilhetes: "Não se apequene, ordene as mudanças necessárias para o país".

A voz, quase sumiu no final: "Assim o farei".